



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

Zero de Conduite / 1933 *(Zero em Comportamento)*

Um filme de **JEAN VIGO**

Realização, Argumento e Montagem: Jean Vigo / **Fotografia:** Boris Kaufmänn / **Música:** Maurice Jaubert / **Canções:** Charles Goldblatt / **Assistentes:** Albert Riera, Henri Storck, Pierre Marie / **Interpretação:** Jean Gasté (Huguet), Louis Lefebvre (Caussat), Gilbert Pruchon (Colin), Coco Goldstsin (Brue), Gerard de Bedarieux (Tabard), Robert de Flon, Delphin Blanchar, Leon Larive, Henri Storck (o padre).

Produção: Nounez-Gaumont / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em 35mm, preto e branco, legendada em português / **Duração:** 44 minutos / **Estreia Mundial** (após 13 anos de proibição pela censura): 15 de janeiro de 1946 / **Estreia em Portugal:** Cinema Estúdio, em 23 de Fevereiro de 1973.



O argumento de **Zero de Conduite**, média metragem que foi a primeira incursão na ficção de Jean Vigo, foi escrito numa semana e provisoriamente chamado **Cancres**. Embora haja nele a influência do romance de Alain Fournier "Le Grand Meaulnes", o argumento inspira-se fundamentalmente nas próprias memórias de infâncias do realizador, também passada em internatos severos, dando o realizador aos seus heróis os nomes de velhos colegas de infância, Caussat, Brue, Colin.

Com grandes amigos, também, conta Vigo para a sua realização, tanto em técnicos: Stock, Kaufman, Jaubert e Goldblatt (música e canções), como em actores e figurantes: Dasté, Storck (é o padre), os pintores Raphael Diligent e Felix Labisse (bombeiro). A realização foi acidentada com atrasos

provocados pela doença de Vigo, conflitos com a administração dos estúdios (Vigo terminou as filmagens nos últimos segundos do último dia de prazo). Os exteriores serão depois filmados no colégio de Saint-Claude que o próprio Vigo frequentou, tendo a primeira projecção tido lugar a 7 de abril de 1933 com reacções pouco calorosas.

Para cúmulo a censura entra no jogo proibindo integralmente a sua exibição. O filme, de cerca de 45 minutos destinava-se especialmente a complemento de programas e deveria estrear-se com o filme **La Maternelle** de Jean Benoit-Levy, o que não aconteceu devido à proibição. Em França, e à excepção de sessões de carácter privado, como nos Cineclubes, o filme só será autorizado depois da II Guerra Mundial, em novembro de 1945, acabando por se estrear em janeiro do ano seguinte.

O que predomina em **Zero de Conduite** é a atmosfera simultaneamente realista e onírica do mundo da infância. Realista porque os seus heróis têm carne e sangue, são irreverentes, malcriados, amigos e cúmplices de partidas e de vícios, como toda a criança o é. Mas, este olhar é filtrado pela poesia que transfigura imagem, a famosa e inesquecível sequência da batalha dos travesseiros com as penas flutuando por toda a sala, em câmara lenta, como peixes em imagens submarinas.

O elemento aquático que predomina em toda a obra de Vigo, marca desta forma, transfigurado, a sua intrusão em **Zero de Conduite** e as pessoas, especialmente aquelas que surgem como os primeiros símbolos de poder para jovens internos: os vigilantes, professores e o director. Todas as personagens são transformadas pelo olhar dos jovens: a instância máxima do poder (o director) é um anão, e há professores particularmente viciosos que trazem no corpo as suas características.

Por outro lado, os próprios cúmplices e amigos, transformam-se também, diante do seu olhar, em imagens de figuras amadas: o professor que imita Charlot.

Todo esse universo em que o mundo e as pessoas nos são dadas através do olhar dos jovens heróis, surge assim transfigurado e só quem esqueceu o seu olhar de criança pode ficar indiferente a essas imagens. No cinema, um olhar semelhante só se encontra em **Aniki-Bóbó**, de Manoel de Oliveira, cineasta cuja afinidades com Jean Vigo são sugestivas.

Manuel Cintra Ferreira